

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: O USO DA CARTOGRAFIA NA PESQUISA EDUCACIONAL

**SCHNORR, Samuel Molina<sup>1</sup>; RODRIGUES, Carla Gonçalves<sup>2</sup>; MESQUITA, Camila Rodrigues de<sup>3</sup>; GIUSTI, Juliana Verneti<sup>4</sup> WIKBOLDT, Josimara Silva<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Biologia da UFPel. schnorr\_m@yahoo.com.br. <sup>2</sup> Professora do Departamento de Ensino da FaE – UFPel. cgrm@ufpel.tche.br. <sup>3</sup> Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pelotas. camilarcm@hotmail.com <sup>4</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da UFPel. juugiusti@hotmail.com <sup>5</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da UFPel. josiwkboldt@hotmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

A construção do presente resumo, fruto da investigação denominada *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral<sup>1</sup>*, foi feita movida por interrogações variadas no que diz respeito à educação. Há urgências neste presente que insistem em pulsar no dia a dia. São perguntas expostas a céu aberto com a crueza daquilo que somente a razão não pode entender. Nessa paisagem, situam-se dúvidas no que tange às formas de realização da pesquisa educacional, mais especificamente, as relativas à formação de professores.

Mas qual educação é possível nomear e que variação pode receber a metodologia de pesquisa da formação docente? O que este texto propõe é uma tentativa de pensar a educação imersa e tramada no cenário desta atualidade. Por isso é tratada como um conjunto de processos pelos quais indivíduos se transformam ou são transformados por dispositivos culturais, elementos interdisciplinares, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença. Mais do que isso, oferecendo elementos para variar as formas quantitativas, qualitativas e mistas, geralmente utilizadas na pesquisa educacional.

É sabido que, de um lado, a pesquisa educacional do tipo quantitativa procura seguir um plano previamente estabelecido, baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional (CARVALHO, 1988), manipulando os dados através de recursos estatísticos, tendo como propósito demonstrar validade e fidedignidade nos resultados encontrados, expressos em números. De outro lado, a investigação qualitativa costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento. Não apresenta como prioridade enumerar ou medir eventos e não emprega instrumentos estatísticos para análise de dados (NEVES, 1996). É comum o pesquisador procurar entender os fenômenos relativos ao objeto de estudo, segundo a perspectiva dos participantes da situação examinada e então, relatar sua interpretação acerca de tais fenômenos. Nas pesquisas classificadas como mistas, as metodologias quantitativas e qualitativas não são excludentes, tampouco guardam relação de oposição (GATTI, 2002). Embora se diferenciem quanto à forma e à ênfase, os dois métodos trazem como contribuição ao trabalho investigativo a mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo, contribuindo para a melhor compreensão do objeto focalizado.

Detendo-se um pouco mais na pesquisa em educação do tipo qualitativa, destaca-se a etnografia que, segundo Mattos (2001), é a escrita do visível de um determinado campo empírico. Ela depende das qualidades de observação, de sensibilidade em relação ao outro, do conhecimento sobre o contexto, da inteligência

---

<sup>1</sup> A referida pesquisa ampara-se no Projeto OBEDUC 2010, intitulado “*Escreituras: um modo de ‘ler-escrever’ em meio à vida*” que tem como Núcleo sede a UFRGS e parceria da UFMT e UNIOESTE.

e da imaginação científica do etnógrafo. Compreende a interpretação e significação, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas.

Encontra-se aqui um ponto de parada! Ora, é fato que estudos sobre a contemporaneidade que adotam como paradigma o pensamento pós-estruturalista (DELEUZE, 2006; FOUCAULT, 1999; LYOTARD, 2002), demonstraram anteriormente a impossibilidade ou limites da representação da realidade significada através da palavra e dos numerais. Sendo assim, torna-se urgente a elaboração de uma formulação mais adequada para os caminhos metodológicos da atual pesquisa educacional, voltada à formação de professores. Talvez atenta ao dinamismo no qual a realidade contemporânea é produzida, aos hibridismos e multiplicidades de imagens e discursos que se rearranjam de maneira insubordinada ao campo do saber das ciências educativas, colocando-se como efeito a urgente inseparabilidade entre conhecimento e vida, um dos mais caros sonhos do pesquisador cartógrafo.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Acredita-se que dispositivos artísticos e filosóficos permitem colocar em movimento alguma renovação das formas educacionais. Através da relação inicial de vizinhança entre termos heterogêneos e independentes, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença, é possível produzir singularidades, incluídas da constituição de novas subjetividades relativas a uma professoralidade (PAULO; ALMEIDA, 2009). Para tal, foi oferecida a Oficina *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral*, como elemento fundamental da pesquisa-intervenção de mesmo nome, realizada pelo Núcleo UFPel, do Projeto de Pesquisa Observatório de Educação 2010, tendo como sede a UFRGS, intitulado *Escrituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida* (CORAZZA, 2011).

Treze pessoas vindas das mais diversas áreas do conhecimento (Pedagogia, Filosofia, História, Biologia, Matemática, Ciências Sociais, Arquitetura, Engenharia Agrária, Artes, Geografia e Serviço Social) estiveram presentes na ação pedagógica. Tinham como maior objetivo a qualificação docente. Procurou-se articular o passeio urbano com mídias de uso doméstico da comunicação contemporânea, fortalecendo o propósito da construção de uma singular estética professoral.

No primeiro momento da Oficina, foi disponibilizada para cada participante uma caderneta de anotações. Aí foram cartografadas observações realizadas da cidade de Pelotas e procedimentos utilizados na elaboração de um vídeo. Munidos de câmeras digitais e máquinas fotográficas, durante as saídas de campo, feitas através de caminhada, ônibus e barco, osicineiros coletaram imagens, capturando signos presentes no cotidiano. Para a montagem do vídeo, utilizaram *a posteriori* o programa *movie maker*<sup>2</sup>.

Durante uma semana, distribuído em dois turnos de trabalho (manhã e tarde), o Curso totalizou quarenta horas. O programa teórico deteve-se nas seguintes ações: estudos de textos da filosofia da diferença, de obras literárias e poéticas, de entrevistas de artistas e cientistas, leituras comentadas, leituras dirigidas, debates; projeções em DVD de documentários, vídeos de artistas e imagens de práticas artísticas contemporâneas; apresentações de imagens bidimensionais; exercícios ensaísticos de escrita (entre filosofia e literatura) articulados a outros modos de expressão próprios do campo da elaboração de vídeos. As aulas teóricas foram

---

<sup>2</sup> Software básico de edição de vídeos, incluindo imagem e som, com suporte de alta definição.

importantes para que cada sujeito fosse construindo compreensão ao mesmo tempo em que utilizava o método cartográfico, possibilitando durante os passeios, um olhar diferenciado, uma experimentação, provocando a abertura para o inesperado, permitindo que conexões se formem, territórios sejam desconstituídos ou reforçados, e que sentimentos e sensações pudessem transparecer nos vídeos e no registro escrito.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresenta-se, a cartografia, como um método, oriundo do conceito filosófico cunhado por Deleuze e Guattari (1995), que visa acompanhar um procedimento, e não representar um objeto. De uma maneira geral, o método sugere uma investigação sobre o processo da sua própria produção, que neste caso, atem-se aos modos de formação de professores, incluindo seu campo subjetivo. Na referida Oficina, o uso da caderneta de anotações demonstrou-se uma aliada ao registro da experiência vivida em trama com a construção dos conhecimentos realizados durante o trabalho. A constante escrita dos seus pensamentos, sensações, inquietações, dúvidas, certezas abaladas, percepções não era um hábito comum aos pesquisadores, porém os incentivos que possibilitaram este registro foram essenciais para inaugurar a experimentação e o uso do método em questão. Não menos do que isso, fazendo da cartografia um caminho investigativo que permite o acesso daquilo que força a pensar, fornecendo a possibilidade de registrar acontecimentos que não se apresentam em primeiro plano ao pesquisador.

O uso entrelaçado de saberes advindos da arte, da filosofia e da ciência durante as aulas teóricas, na formação de professores, possibilitou, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1997), o enfrentamento do pensamento caótico no ato de criação do vídeo, num mergulho em busca de elementos para que seja possível construir planos de realidade. A articulação dos passeios urbanos com as mídias contemporâneas demonstrou-se um ponto positivo, pois através de um celular, objeto presente no nosso cotidiano, é possível registrar e apresentar aos alunos o conteúdo curricular, visualizado cotidianamente. Isto é, em uma sala de aula, por exemplo, um professor pode utilizar o celular como ferramenta para auxiliar na saída de campo cartografando um determinado objeto de estudo, assim como auxiliar na elaboração de escritas que remetam àquele determinado momento que foi registrado.

No último dia da Oficina, durante a mostra dos vídeos, notou-se alguma desconstrução dos conceitos pré-estabelecidos de cada participante, relativos à sua original área de formação. Cada oficinairo conseguiu construir filmes com um caráter metodológico cartográfico, apresentando, por vezes mais fortemente e outras nem tanto, uma visão diferenciada daquilo que até então era perceptível aos seus olhos. Os registros escritos e as imagens estiveram prioritariamente relacionados aos interesses da área de estudo, justificando o fato de que somente aquilo que nos interessa, nos provoca, aguça nossa curiosidade, irá gerar uma necessidade que será suprida através do conhecimento (LARROSA, 2002).

### **4 CONCLUSÃO**

Assim sendo, a utilização do método cartográfico na pesquisa qualitativa educacional da formação de professores, mais especificamente no que tange a esta investigação que se encontra em fase de análise de dados, oferece algumas pistas: A cartografia propõe uma reversão metodológica que consiste em

uma aposta na experimentação do pensamento, isto é, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado; implica em um processo de produção e conexões de saberes advindos de variadas áreas de conhecimento; ressignifica a exatidão e precisão da pesquisa acadêmica ao ater-se ao compromisso e interesse do cartógrafo em implicar-se e intervir na realidade produzida por suas percepções e sensações (KASTRUP, 2011). Além de ocupar-se com aspectos visíveis de um fenômeno observável, a cartografia também se ocupa com o que está “invisível” ao campo sensitivo e de observação, com aquilo que se passa com o cartógrafo durante a pesquisa, desse modo potencializando o rompimento da representação da realidade através da significação, reduzida no ato de relatar o observável.

## 5 REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. D. de. **Epistemologia das ciências da educação**. 2. ed. Porto: Edições. Afrontamento, 1988.

CORAZZA, S. M. **Projeto Pesquisa Observatório de Educação 2010**. Disponível em: <<http://difobservatorio2010.blogspot.com>> Acesso em 6 ago. 2011.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1**. Rio de Janeiro. Ed. 34 Ltda, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 8. ed. 1999.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora. Série Pesquisa em Educação. 87 p. 2002.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000100003&script=sci_arttext)> Acesso em: 20 jul. 2011

LARROSA, J. **Nietzsche e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 2002.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ – Rio de Janeiro, 2001. Disponível em <[www.ines.gov.br/paginas/revista](http://www.ines.gov.br/paginas/revista)> Acesso em: 27 de jul. 2011.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. USP São Paulo, Brasil. V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.

PAULO, T. S.; ALMEIDA, S. C. **Formação de professores: subjetividade e práticas docentes**. Disponível em: <[proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032008000100084&script=sci\\_arttext](http://proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032008000100084&script=sci_arttext)> Acesso em 7 ago. 2011.